

A PATINAGEM EM LINHA

Hamilton Marcus Alcoforado dos Santos.

Escola Secundária Fernando Namora

INTRODUÇÃO

A patinagem de rodas em linha, universalmente conhecida por *In Line*, apresenta características invejáveis pois é fácil de praticar e não exige praticamente infra-estruturas, a não ser um piso de asfalto razoável, ou área de lazer com alguns metros quadrados de cimento. Além do mais, a sua popularidade abrange um público de tal forma heterogéneo que rapidamente se tornou num dos fenómenos desportivos dos anos 80.

Pretendemos desta forma fazer uma abordagem sobre o aparecimento e desenvolvimento da patinagem em linha, que enquadrámos no seio das “novas modalidades”, ou “desportos de lazer”. Desta forma procuraremos definir e caracterizar os perfis sociais e população alvo, aparecimento e evolução no quadro da realidade portuguesa, bem como as principais vertentes em que a patinagem em linha se pode desmultiplicar.

A indústria do desporto e do lazer, é o sector que mais tem crescido na Europa na última década, e como tal, o grande público beneficia directa ou indirectamente deste mesmo progresso. Hoje em dia, despendem-se milhões em materiais desportivos (desde equipamentos mais básicos, aos mais avançados produtos tecnológicos).

Em Portugal, o fenómeno do aparecimento de um conjunto de novas modalidades dentro dos desportos de lazer (desportos radicais de aventura ou dos grandes espaços), é ainda recente. O *In Line* caracteriza-se por uma capacidade de oferta vasta havendo vertentes que primam pelo contacto com a natureza como é o caso do *cruzing*, enquanto que outras têm características marcadamente urbanas, como é o caso da vertente dita *agressive* que se apropria dos obstáculos urbanos que passam a constituir desafios a superar.

O certo é que, o aparecimento e a evolução destas “novas modalidades” desportivas, motivam uma certa forma de depreciação social de certas práticas tradicionais. Consta-se que as gerações mais novas, são aquelas que comportam valores de mudança, tendo assim um modo diferenciado de percepção das práticas desportivas; senão verifique-se o exemplo da migração de

antigos praticantes de patinagem tradicional para o *In Line*, definindo-se este como prática acrobática requisitadora de equilíbrio e espírito de aventura.

Há assim, uma série de novos valores veiculados pela sociedade, ou novos ideais culturais que se transmitem à instituição desportiva. É aqui que podemos situar o caso específico das vertentes do *In Line* – *agressive* e *half-pipe*, em que a terminologia empregue para caracterizar as diversas manobras executadas pelos praticantes, expressa gostos específicos deste grupo. Esta terminologia é em grande parte importada, sendo o uso de estrangeirismos prática corrente.

De reparar, de igual modo, a procura de evasão e tom ecologista, em determinadas vertentes do *In Line*, acompanhado da busca de satisfação eminente, bastante em voga hoje em dia. Se não, reparemos que os parques de patinagem que até agora existiram em Lisboa, se situavam ao ar livre e em zonas ribeirinhas.

ÂMBITO DA PATINAGEM EM LINHA

A prática da patinagem em linha, apresenta como principal vantagem a sua versatilidade, devido ao número de utilizações em que os patins podem ser empregues (corridas de velocidade, hóquei em linha, patinagem artística, lazer/manutenção, dança aeróbica, saltos acrobáticos, etc.), pois quase todas as áreas de piso regular lhes servem de suporte.

Devido às suas características, a patinagem em linha intervém numa faixa etária mais jovem, a partir dos quatro/cinco anos de idade, uma vez que este género de patins, relativamente aos tradicionais, são mais leves, rápidos e portanto de mais fácil manevabilidade.

Este desporto em Portugal, iniciou verdadeiramente o seu processo de penetração no mercado nacional em 1993, com a introdução das marcas de patins *Rollerblade* e *Bauer*. Na área da grande Lisboa os patins em linha começaram a instalar-se nos hábitos de lazer do público jovem no verão de 94, e o processo de adesão foi tremendamente significativo, aliás como se podia verificar pelo número de vendas nas lojas de desporto e grandes superfícies, bem como as concentrações de patinadores junto às zonas ribeirinhas.

O número de praticantes que se chegaram a reunir, em média, aos fins de semana, no antigo pavilhão ribeirinho, era de três centenas (Agosto de 95). A curva de evolução demonstrava então, uma possível ascensão dos resultados, se bem que nestes últimos dois anos se tenha verificado uma certa queda ao nível das vendas. Julgamos que tal indicia a necessidade de criação de condições mais favoráveis para a implementação de hábitos de prática desportiva, no que a esta modalidade diz respeito. O *In Line Park* de Algés constitui exemplo da conjugação de esforços entre diversas entidades públicas e privadas (APL – Administração do Porto de Lisboa e CPPL – Clube Português de Patinagem em Linha), para que de facto não se assista a um progressivo abandono da modalidade. Assim em Agosto de 1995 o CPPL obteve a concessão do antigo pavilhão ribeirinho da FIL, para o exercício da actividade de aluguer, o que estimulou significativamente a adesão a este desporto.

Segundo os dados obtidos pela escola de patinagem do CPPL (Agosto de 95), verificamos que dos 50 alunos, a sua distribuição pelas diferentes faixas etárias, segundo quadro 1 era a seguinte:

Quadro 1. Percentagem de praticantes por faixa etária- Escola de Patinagem (Ag. 95)

35%	5 a 9 anos
25%	10 a 14 anos
20%	15 a 18 anos
10%	19 a 25 anos
10%	26 a 35 anos

Segundo os dados fornecidos pela empresa “*American Sports Data*”, quadro 2, apresentados no documento de formação de monitores IISA (*International In Line Skate Association*), facilmente concluímos da similitude dos dados obtidos e ambos países.

Quadro 2. Percentagem de praticantes por faixa etária- Estudo de mercado (ASD).

38,7%	< 12 anos
25,8%	12 a 17 anos
12,5%	18 a 24 anos
14,5%	25 a 34 anos
8,4%	> 35 anos

Se compararmos ambos os dados, podemos verificar a existência de alguma concordância da pequena amostra colhida na escola de patinagem, com um estudo de mercado, tendo por base uma amostra de 500 praticantes. Tal indica que o público alvo desta modalidade é maioritariamente jovem, estando a maior parte dos adeptos incluídos numa faixa etária inferior a 18 anos. Assim sendo, a principal advertência vai para aqueles que em situação de ensino/aprendizagem trabalham com estes jovens, pois não nos devemos esquecer de uma premissa pedagógica básica importante – “o que funciona com crianças pode funcionar com adultos, já o contrário não é verdade”.

Devemos pois proporcionar condições materiais e humanas suficientemente adequadas (parques desportivos, monitores com formação adequada, etc.), por forma a potenciarem, a fixação destes novos adeptos, caso contrário pode verificar-se um efeito de “moda passageira” e/ou sazonal.

Um dos factores característicos da patinagem em linha é a heterogeneidade do seu público alvo, como pode ser facilmente comprovado por uma análise aos quadros acima referidos. Observa-se uma adesão cujo perfil de praticantes é bastante abrangente, tendo idades compreendidas entre os 5 e 45 anos, homogeneamente repartidas por ambos os sexos.

Se compararmos com outros desportos de aventura, de grande aceitação, como é o caso das BTT e o *Skate*, a patinagem surge em primeiro lugar na lista de preferências. As bicicletas

apelam a um público com um razoável poder aquisitivo e são utilizadas por jovens adultos de ambos os sexos, enquanto que o *Skate* atrai um público maioritariamente masculino com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos.

A patinagem em linha tem um apelo bastante mais universal, consequência da sua versatilidade relativamente ao espaço requerido e baixo custo do equipamento. Sendo ainda possível diversos tipos de utilizações: corridas de velocidade, patinagem artística, hóquei, rampas, ou simplesmente lazer.

As características estéticas da patinagem contribuem para atrair o público feminino, sobretudo nas vertentes – patinagem artística, aeróbica/dança e lazer/manutenção. À excepção da aquisição dos patins, a prática pode ser feita sem quaisquer encargos, recorrendo-se assim a espaços próprios para o efeito, onde além da prática surgem espaços de convívio e encontro entre os vários praticantes da modalidade.

A patinagem constitui também um pólo de atracção para o público apreciador dos desportos radicais, adeptos da patinagem mais agressiva, com características de prática em meio urbano.

Podemos ainda considerar a faixa etária dos 30/45 anos de idade, onde se integram muitas vezes os pais dos patinadores mais jovens, bem como aqueles que há muito praticaram patinagem com patins tradicionais.

Esta modalidade, tendo em conta os diversos tipos de prática, bem como a sua vertente no pólo social (espaço de encontro/convívio), abrange um público bastante vasto e heterogéneo. Assim, a patinagem favorece o contacto com outras pessoas e com a natureza. Além do mais, a prática da patinagem a nível amador promove um dispêndio de 500 cal/h, quase tantas as despendidas praticando *footing*.

O lazer e a patinagem acrobática são as disciplinas que mais contribuíram para a difusão massiva da patinagem em linha. A primeira porque se relaciona com uma imagem (de moda) de saúde e força física; a segunda porque o espectáculo largamente difundido das acrobacias realizadas pelos jovens americanos atraiu desde logo a atenção de milhares de jovens em todo o mundo, desejosos de imitar os seus gestos.

Tendo em conta o fenómeno de massificação ocorrido, o negócio da patinagem em linha foi explorado e incentivado pelos grandes fabricantes que recorreram a uma inteligente combinação de publicidade, marketing, patrocínios a atletas e eventos, bem como o lançamento de novas aplicações que permitiram a conversão deste desporto num “mito colectivo”. Assim, podemos referir alguns dados elucidativos referidos na (*American Sports Data*) que demonstram bem os números afectos à indústria da patinagem em linha nos EUA:

- segmento que experimenta o crescimento mais acelerado no seio da patinagem em linha é o Hóquei, registando-se anualmente 150 milhões de US dolar's em vendas.

- 50% dos patinadores nos EUA são mulheres. Dos praticantes masculinos 53% praticam mais de 26 dias por ano, versus 47% das mulheres. De todos os participantes 55% aumentaram a sua participação nos próximos 12 meses.
- A expectativa de vendas de patins e equipamento afim, nos EUA em 1995 era de 1 bilião de dolars, tendo em conta os 20 milhões de patinadores existentes.
- No seio de outras 15 actividades afins a patinagem em linha é apontada como escolha preferencial.

APARECIMENTO E EVOLUÇÃO DA MODALIDADE

A patinagem de rodas em linha, teve o seu início nos anos 70, junto dos praticantes de Hóquei no Gelo. A necessidade destes atletas efectuarem o seu condicionamento físico no asfalto durante o período de verão, com um equipamento semelhante ao usado no gelo, deu origem a um novo modelo de patins em linha.

Mais rápidos, leves e versáteis que os tradicionais, os patins em linha consolidaram, nos anos 80, uma importante cota de mercado, no segmento das actividades de lazer do consumidor norte-americano.

Curiosamente, esta escalada de sucesso não entrou em regime estacionário no princípio dos anos 90. Pelo contrário, os indicadores de crescimento desta modalidade, posicionam o *In-Line* como o desporto que regista, actualmente, o maior processo de expansão no mercado norte-americano.

Na Europa, o fenómeno dos patins em linha alastrou de forma igualmente significativa, nomeadamente em Espanha e na Alemanha, onde se afirmou como a modalidade com maior taxa de crescimento no período relativo a 94/95.

VERTENTES DA PATINAGEM EM LINHA

A Patinagem de rodas em Linha, oferece uma tão grande variedade, de hipóteses de utilização que se torna quase impossível relacionar, sobre o mesmo grau de parentesco desportivo, um patinador de corridas de velocidade, um saltador de “Half-Pipe” e um atleta de patinagem artística.

Excluindo o facto de todos partilharem o mesmo sistema de rodas em linha, a utilização que se pode dar a este equipamento é tão multifacetada que se perde quase de vista o denominador comum. Vamos passar a análise das vertentes mais representativas da patinagem *In-Line*.

Patinagem de Lazer/*Cruising*

Para quem considere a patinagem uma actividade de lazer, os patins em linha são o equipamento ideal. Podem calçar-se para comparecer a um encontro de amigos, que pode por

vezes reunir centenas de patinadores em áreas de lazer vocacionadas para o efeito; e podem também ser utilizados para deslizar nos corredores ciclopedestres ou mesmo em certas estradas secundárias. O tipo de materiais utilizados torna estes patins mais leves, rápidos e suaves, proporcionando uma intensa sensação de liberdade. Como substituto da corrida, surgiu nos *EUA o Cruising*, um novo conceito em termos de condicionamento físico, que consiste em utilizar os patins para se efectuarem longos trajectos, sendo frequente observar toda a família patinando ao longo do rio, grandes jardins ou avenidas.

Corridas de Velocidade

Uma das vertentes mais competitivas e também uma das mais formalizadas, incluindo-se no seio das modalidades com quadro competitivo, a velocidade, tem na FPP um comité específico CNCP (Comité Nacional de Corridas em Patins). Para a prática desta disciplina requerem-se patins: ergonómicos (onde a bota é adaptados ao pé do atleta por forma a potenciar o rendimento mecânico), chassis em alumínio, rolamentos especiais e rodas de diâmetro superior a 80 mm. Estes patins apresentam ainda a curiosidade de terem cinco rodas, em vez das quatro habituais, e os seus praticantes usam roupa de Lycra e capacete para desafiarem velocidades por vezes superiores a 60 Km/h.

Street/Agressiva e Half-Pipe

O aproveitamento de obstáculos e mobiliário urbanos, leva o patinador de rua a desafiar as leis da gravidade e regras do bom senso, deslizando ao longo de um corrimão, descendo escadas de costas, ou saltando por cima de automóveis. A esta patinagem instintiva e irregular com inúmeros adeptos na camada jovem adolescente, convencionou chamar-se *street*, sendo a vertente da patinagem que revela maior grau de afinidade com o *Skate*.

Considerada uma das disciplinas mais nobres desta “nova patinagem”, o *half-pipe* consiste numa estrutura de madeira com uma transição em curva para uma zona de parede (uma em cada lado do *half-pipe*), em que o patinador adquire balanço, sobe até esta zona e eleva-se no ar acima da estrutura, para efectuar todo o género de evoluções acrobáticas.

Em Portugal, as provas existentes neste âmbito são organizadas pelo Comité Nacional de Patinagem de Inovação (CNPI). No regulamento publicado, a prática de patinagem de inovação abrange 7 provas: Slalom de Figuras, Slalom de Velocidade, *High Jump* (com uma rampa, o atleta salta sobre uma fasquia, que é elevada à medida da validação dos saltos), *Vert* (execução de figuras num tempo definido sobre um *half-pipe*), *Down-Hill* (prova cronometrada em percursos com declive), *Street* (execução de figuras, num determinado período de tempo, encadeadas nos diversos obstáculos repartidos pela zona de prova) e *Todo-o-Terreno* (prova realizada em pisos irregulares com patins específicos para o efeito).

Hóquei Em Linha

É uma vertente em franca expansão, pois apresenta algumas variáveis de espectáculo que o já famoso hóquei no gelo proporciona. Apesar dos embates frequentes, nas tabelas laterais e entre adversários, não traduzem quaisquer danos para os atletas, devido à utilização de equipamento protector adequado (existe assim material de protecção para o tronco, membros e cabeça). Esta disciplina apresenta como principal inconveniente a necessidade de um número elevado de peças de equipamento, que aumenta os custos associados à prática desta variante. Contudo existem numerosos adeptos que praticam o *Street Hockey* ou hóquei de rua, traduzindo um tipo de prática informal, utiliza apenas para o efeito o *stick* ou um substituto improvisado e uma bola em vez do *puck* (disco de borracha caracteristicamente utilizado no gelo).

VANTAGENS E DESVANTAGENS DA PATINAGEM EM LINHA

- Os patins com rodas em linha apresentam a vantagem de atingir maiores velocidades, uma vez que têm menor atrito com o solo. Repare-se na marca *Roller-Blade*, que podemos traduzir literalmente como lâmina rolante, em que as rodas se encontram dispostas uma atrás da outra assemelhando-se, assim, às lâminas dos patins de gelo;
- No âmbito da prática de lazer a patinagem pode ser considerada como modalidade aeróbia de baixo impacto bastante eficaz e de grandes benefícios a nível cardiovascular. Facilmente se obtêm melhorias na capacidade do sistema cárdio-pulmonar, sem desgaste nocivo ao nível muscular e articular. O tipo de esforço desenvolvido pode ser constante e controlado sem que haja débito de oxigénio. Com um bom programa de treino pode-se trabalhar para uma boa condição física, se para tal for seguido programa adequado;
- A patinagem envolve a mobilização de todo o trem inferior proporcionando uma relação equilibrada ao nível da coordenação inter-segmentar;
- A destreza e equilíbrio constante requeridos para a realização dos diversos *Skills*, nas diversas disciplinas, põem em acção grande percentagem dos músculos da coxa, nádegas e pernas, contribuindo para a sua tonificação e melhoria da circulação local;
- A patinagem em linha pode ainda contribuir para corrigir eficazmente determinadas desvios posturais. É o caso da colocação incorrecta dos pés, pois os patins tecnologicamente mais avançados apresentam a possibilidade de ajustar o chassi por forma a corrigir a postura dos pés.
- Ao nível dos aspectos coordenativos favorece o equilíbrio, permitindo a execução de toda uma variedade de habilidades que são verdadeiros desafios à capacidade de agilidade e coordenação do indivíduo;
- É possível patinar em solos que apresentam maior rugosidade, embora a “performance” não seja tão elevada.

Convém também ter em conta alguns aspectos contraproducentes que a prática desta modalidade pode apresentar, designadamente:

- Esta modalidade não é indicada para quem apresenta problemas de coluna devido aos possíveis efeitos nocivos provocados pelos impactos resultantes dos saltos em disciplinas como o *Street* e *Half-Pipe*;
- É Imprópria para quem tem patologias que comprometam o equilíbrio;
- Os patins em linha são, regra geral, mais caros que os tradicionais.

QUAIS OS CUIDADOS A TER QUANDO SE PATINA COM RODAS EM LINHA

A questão mais imediata relativamente a aprendizagem da patinagem prende-se com o tópico das quedas. Estas podem apresentar alguma gravidade, sendo necessário controlar a actividade por forma a minimizá-las. Contudo estamos conscientes que estas são inevitáveis, fazendo parte do processo de ensino e aprendizagem. Como agir então?

Deve-se adquirir material de protecção: capacete, joalheiras, cotoveleiras e protecções para as mãos. Quanto maior for a “agressividade” da nossa patinagem maior é o risco, tornando-se assim essencial a utilização deste material.

Se as quedas são inevitáveis, é preferível ensinar a cair com segurança de forma a minimizar eventuais lesões. Para tal, o ensino dos princípios associados às quedas de judo são de grande utilidade, devendo estas habilidades ser ensinadas em conjunto com a utilização do equipamento.

Relativamente aos tradicionais, os patins em linha apresentam um menor risco de queda para trás, pois com o sistema de colocação das rodas em linha, temos assim uma ampla superfície de apoio que se alonga sobre o solo. No entanto, como é óbvio, o risco não é de todo eliminado, daí que seja necessária a prevenção da exposição da coluna e da cabeça a impactos violentos com o solo.

A tónica dominante deve ser a prevenção, sendo necessário zelar para que as regras de segurança, que devem ser estabelecidas, não sejam quebradas. O controlo do professor/monitor, numa fase inicial, deve ser grande, pois a tentação de experimentar novos *Skill's*, comportamentos de risco, sem para tal estarem preparados, pode ser desastrosa.

A prática do *Street* e *Agressive* envolve a realização de um número elevado de saltos, com rotações sucessivas sobre o eixo longitudinal e transversal do corpo, traduzindo um número frequente de quedas, pois o grau de dificuldade de execução de determinadas manobras é elevado (como é no caso das acrobacias realizadas no *half pipe*). Estas quedas podem ter repercussões ao nível do aparecimento de hérnias nos discos intervertebrais e osteoporose mais acelerada.

Os ossos e articulações mais expostos na ocorrência de quedas, são os joelhos e por vezes os tornozelos (embora os patins em linha tenham um casco/bota rígido relativamente alto, que previnem a ocorrência de entorses).

A prática frequente, associa-se muitas vezes, especialmente no Inverno (baixa temperatura e elevada humidade), a pequenos problemas musculares, como rupturas, distensões e câibras, sendo aconselhável um bom aquecimento inicial e vestuário adequado para diminuir os riscos de lesão.

CONCLUSÃO

De uma forma genérica, pensamos que este artigo servirá de contributo para a compreensão, do processo de aparecimento e evolução desta modalidade que circunscrevemos no âmbito dos desportos de lazer.

Este artigo teve como preocupação procurar traçar um perfil do praticante bem como do potencial candidato, uma vez que só desta forma se podem orientar políticas de desenvolvimento desportivo promotoras de sucesso.

Como principal potencialidade destacamos a diversidade das suas disciplinas permitindo utilizações multifacetadas com particulares vantagens se tivermos em conta a utilização em meio escolar.

Apesar do investimento inicial, para a aquisição dos patins e material de protecção, ser regra geral elevado, devemos levar em linha de conta a relação custo/benefício onde a patinagem, devido as suas potencialidades de utilização e manutenção pouco exigente, apresenta mais valias.

Como principal ameaça ao processo de expansão e implementação nos hábitos de prática desportiva dos portugueses, da patinagem destacamos os poucos locais disponíveis para a prática exclusiva desta modalidade. Nas nossas cidades, em termos geográficos os declives e a inexistência de vias específicas também constituem fortes entraves para utilização mais regular dos patins.

Como pudemos constatar a patinagem tem um perfil de adesão alargado em termos etários, no entanto a maioria dos praticantes e candidatos está na escola, tal facto chama a atenção para uma política de promoção da modalidade que tem necessariamente de ir de encontro a escola.

A política de preços seguida com a introdução dos patins no mercado apenas fazia apelo a consumidores com poder aquisitivo razoável, devendo-se tal a hegemonia de duas ou três marcas no mercado e a pouca concorrência. No entanto com a expansão da modalidade a chegada dos patins as grandes superfícies foi veloz, havendo oferta diversificada há que agora ter em atenção a qualidade oferecida.

Bibliografia

Bouet, M. (1968): Signification du sport, Paris: ed. Universitaire.

Bouet, M.: Economia e desporto, CMO.

Carta da procura da prática desportiva, Atlas desportivo nacional, vol.00, parte I, ME/DGD, 5-60.

Degna, S. (1988): Patinagem em linha, Grijalbo.

Dugnani, T. (1984): Teoria e metodologia del Pattinaggio a rotelle veloce, Roma: Societa Stampa Sportiva.

Marivoet, S. (1993): Hábitos desportivos na sociedade portuguesa, Rev. Ludens, 13, nº 3,4,84-91.

Marivoet, S. (1993): Hábitos desportivos- Valores sócio-culturais em mudança, Rev. Horizonte, IX, nº 53, Jan/Fev 1993, 193-198.

Rappelfeld, J. (1994): Patinaje em línea, Barcelona: Martinez Roca.

Clube Português de Patins em Linha (C.P.P.L.), "Estudo de Mercado".

International In-line Skate Association (I.I.S.A.), "Documento de Formação de Monitores".